

Agenda liberal perde força com piora da economia



A deterioração da economia pode influenciar a postura dos que tendem a se beneficiar do desgaste de Temer, como Ciro Gomes (PDT), que tenta se firmar como o candidato de esquerda.



Por **Estadão Conteúdo** 10 de Junho de 2018 às 11:07

| Agência de notícias do Grupo Estado

Se o discurso de candidatos ditos de centro já não vinha empolgando o eleitorado no caminhar da pré-campanha, a deterioração do cenário econômico tende a fragilizar ainda mais a posição dos postulantes ao Planalto que militam nesse campo.

A avaliação é compartilhada por analistas econômicos, consultores políticos e alguns dos principais auxiliares de presidentes.

A perspectiva de que, nos próximos meses, haja um **crescimento tímido** da economia (e, portanto, pouca reação do mercado de trabalho) e uma inflação maior que a antecipada favorece o discurso eleitoral de que o governo Michel Temer não conseguiu entregar a prosperidade prometida e de que a pauta reformista não obteve êxito.

Dois de seus auxiliares, com acesso e voz na estratégia de campanha, antecipam a necessidade de o tucano recalibrar seu discurso, adequando-o ao rito eleitoral e aproximando sua fala das aspirações do eleitor. Há muitas dúvidas ainda de como fazer isso, admitem ambos.

Não há disposição de mexer nas diretrizes do programa que vem sendo desenhado pelo economista Persio Arida, mas há convencimento de que a campanha precisará de “símbolos” e que esses precisarão ser menos áridos ao eleitor.

Para o cientista político Murillo Aragão, fundador da Arko Advice, a agenda eleitoral abarcará principalmente os temas da corrupção, da segurança pública e do emprego.

A “agenda oculta”, argumenta, será a que trata da questão fiscal e das **reformas** amargas, como a previdenciária.

“São temas difíceis, que se o candidato se aventurar a debater sem consistência corre o risco de perder votos. É essencial para o País, mas não é eleitoralmente atraente”, diz.

LEIA MAIS: Campo liberal continua estagnado, indica Datafolha

A mudança no cenário econômico complica ainda a tentativa de Henrique Meirelles (MDB), outro nome do centro, de viabilizar sua candidatura.

O ex-ministro da Fazenda contava com o sucesso do receituário empregado pelo governo Temer para ter o que apresentar aos eleitores. Imaginava que a sensação de melhoria na economia poderia embalar seu plano eleitoral. A aposta, porém, mostra-se cada vez mais distante.

A **deterioração da economia** também pode influenciar a postura dos que tendem a se beneficiar do desgaste de Temer, como Ciro Gomes (PDT), que tenta se firmar como o candidato de esquerda.

No entorno do pedetista fala-se em dar ênfase a reformas que atinjam o “andar de cima”, como a tributação de heranças e de lucros e dividendos, e tratar menos de temas como ajustes na Previdência.

LEIA MAIS: A lenha começa a queimar nos pés de Michel Temer

“Está cada vez mais evidente que bandeiras mais liberais tendem a não ser politicamente viáveis. O candidato que pegar a bandeira das reformas pode queimar a mão. Vai ficar muito difícil a discussão econômica nessa eleição por conta dessa variável”, afirma André Perfeito, economista-chefe da Spinelli.

FOTO: *EBC*